

FONTE : JT

CLASS. : 39

DATA : 10 03 89

PG. : 4

A desinformação sobre a questão da Amazônia

Como sempre acontece quando são discutidos publicamente problemas complexos, rebeldes às simplificações cômodas, estamos assistindo, neste momento, a um verdadeiro festival de meias-verdades, recheadas de enormes bobagens — sempre mais nocivas e mais enganadoras do que a mentira pura e simples — a respeito da Amazônia.

Ninguém é favorável à derrubada da floresta amazônica para que seja vendida como lenha. Nós, do **Jornal da Tarde**, que, como já dizíamos em recente editorial, não fomos precedidos por ninguém e nem excedidos por ninguém nas campanhas pela defesa do meio ambiente, sabemos perfeitamente o que está em jogo na questão da exploração econômica daquela área. Mas daí a querer inviabilizar o seu aproveitamento econômico, sob o argumento falacioso de que isso implica na destruição do famoso “pulmão da Terra”, na dizimação das tribos indígenas, na criação de um imenso deserto e outras bobagens do mesmo quilate, vai uma distância muito grande; exatamente aquela que separa a verdade da mistificação, deliberada ou não.

O festival de meias-verdades que se instalou no país, por grupos que se aproveitam do saudável entusiasmo pelo movimento em prol da defesa do meio ambiente que se desenvolve entre nós há já alguns anos, cria uma absurda divisão entre “bons” e “maus”, entre “mocinhos” e “bandidos”, como se estivéssemos no velho Oeste norte-americano onde, lá, sim, os índios foram massacrados e, hoje, seus sobreviventes vivem em pequenas reservas. De um lado os puros, os defensores da natureza, do futuro da vida neste planeta e das culturas indígenas; do outro, a ganância capitalista dos pequenos e grandes fazendeiros, do governo que quer construir hidrelétricas — sem as quais o desenvolvimento brasileiro entrará em colapso —, das empresas mineradoras e, de quebra, das multinacionais, concentradas sobretudo no Projeto Carajás, para dar o indispensável colorido ideológico de esquerda.

Mas quem pensa que o **imbroglio** termina aí se engana. A nova cruzada em **defesa** da Amazônia inclui gente de todo tipo: desde o nosso tupiniquim Partido Verde, à Igreja “progressista”, esquerdistas de vários tipos, roqueiros ingleses e até — quem diria! — alguns governos ocidentais antes olhados como temíveis “imperialistas”. Contra essa frente, o governo brasileiro acaba de receber o apoio dos sete outros participantes da III Conferência de Cooperação Amazônica, reunida em Quito: Equador, Bolívia, Colômbia, Guiana, Suriname e governos antes vistos como **progressistas** — os da Venezuela e do Peru —, agora abandonados pela facção ecológica de nossa esquerda, justamente no momento em que decidem não abrir mão de recursos naturais decisivos para o desenvolvimento de seus países.

Dias atrás, comentando o último livro do jornalista francês Jean-François Revel, **La connaissance inutile (O conhecimento inútil)**, chamávamos a atenção para o fato de que, justamente agora que dispomos de uma massa enorme de conhecimentos, estes de certa forma se revelam inúteis, por causa da desonestidade de certas elites intelectuais que se valem do prestígio que lhes advém do seu nível cultural para enganar deliberadamente, em função de interesses ideológicos, as grandes massas que não tiveram o privilégio

de chegar ao mesmo nível de cultura. O resultado é que, paradoxalmente, vivemos no século da “desinformação”. O que está ocorrendo com relação à Amazônia tem relação com este fenômeno. Vejamos. A área desmatada naquela região, apesar de alguns abusos que inegavelmente existem e que precisam ser energicamente coibidos, oscila até agora entre 3,5 e 5%, segundo estimativas elaboradas com base em sofisticados recursos tecnológicos. Mas, a darmos crédito à desinformação generalizada a respeito da questão, estamos caminhando rapidamente para a criação de um novo deserto do Saara no norte do país.

Com relação às hidrelétricas, que têm provocado a indignação dos falsos ecologistas, o **Jornal da Tarde** publicou na última segunda-feira dados importantes sobre o programa energético brasileiro para a região amazônica. Para que o desenvolvimento do país não entre em colapso na próxima década — e já estamos no fim desta — será preciso construir ali algumas dezenas de barragens, grandes e pequenas. Das duas uma, ou os nossos desinformados ecoideologistas, assim como os governos dos Estados Unidos e de alguns países europeus, querem que façamos a opção pela energia nuclear — que constitui uma ameaça para o meio ambiente e para as populações incomparavelmente mais tenebrosa do que a representada pelas hidrelétricas, e que o Banco Mundial se recusa a financiar — ou nos querem condenar à estagnação econômica, que significaria sacrificar o futuro das populações do Brasil e seus vizinhos amazônicos, supostamente (porque na verdade esse dilema não existe) em benefício da preservação da floresta e de algumas tribos indígenas.

A não ser que optemos, para desenvolver nossas indústrias, pela energia solar, a energia dos ventos ou das marés, como candidamente sugere o roqueiro inglês Sting, em entrevista ao **Jornal do Brasil** de domingo passado. O mesmo Sting que confessa ter visto uma árvore pela primeira vez aos 16 anos, na Inglaterra (não estaria na hora de reflorestar seu país?), e que deseja transformar o cacique Raoni numa espécie de moderno Bufalo Bill, exibindo-o na Europa e nos Estados Unidos, para aumentar a rentabilidade dos seus **shows**.

Felizmente há indícios de que a desinformação pode ceder o passo à informação e de que a irracionalidade pode dar lugar ao bom senso. O Banco Mundial recuou nos últimos dias e se declarou disposto, em nota divulgada pelo seu representante em Brasília, a reestudar com o governo brasileiro o problema dos seus financiamentos. O nosso governo, por sua vez, juntamente com os que integram a Conferência de Cooperação Amazônica, deve em breve divulgar um plano de política de defesa da região, capaz de preservar o meio ambiente sem prejuízo do desenvolvimento, pois as duas coisas estão longe de ser incompatíveis.

O que não se pode aceitar é que a **quinta coluna** infiltrada nos movimentos dos verdadeiros ecologistas impeça o nosso desenvolvimento, que depende vitalmente do aproveitamento dos recursos hídricos, da Amazônia. Somos os primeiros interessados em preservar o equilíbrio ecológico da

região, inclusive porque sua própria valorização econômica depende disso. Por tudo isso é inaceitável que as decisões sobre os melhores caminhos para a nossa emancipação econômica sejam partilhadas por outros países.

Temos condições de cuidar sozinhos da Amazônia, da mesma maneira como os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, por exemplo, podem resolver por conta própria o problema das chuvas ácidas e do despejo de seus detritos industriais em países subdesenvolvidos, sobretudo da África.